
13. VOTO E MILITÂNCIA: A ASSEMBLEIA DE DEUS E A POLÍTICA ARACAJUANA

Augusto Cesar Santiago Teixeira¹

Introdução

O aparecimento dos evangélicos² no cenário político brasileiro coincide com a redemocratização do país (1979-1985) e a inserção dos movimentos sociais. Segmento estigmatizado³, que incorporou as estratégias da militância política como ferramenta de conquista de espaço e direitos na sociedade.

Historicamente, a população evangélica é denominada popularmente de protestante, desde o século XIX, quando ocorrem os primeiros registros de pessoas que professam crenças oriundas do pensamento de Martinho Lutero ou Calvino e que sofreram algum tipo de resistência por parte da igreja Católica ou da população local em aceitar a convivência, na mesma comunidade. A rejeição por parte da sociedade demarca uma primeira fase vivenciada pelos protestantes em solo nacional. Restritos aos templos ou indo de porta em porta difundindo o evangelho, esta preocupação se estendeu até a década de 1970, quando ocorre o primeiro movimento de inserção destes na sociedade através da participação em pleitos eleitorais ou cargos políticos. Observa-se que este movimento ocorre no interior das igrejas tradicionais, momento em que os pentecostais começam a se expandir. A presença de evangélicos na política acontece de forma tímida sem muito embate entre o segmento majoritário socialmente. No terceiro momento, pós-1980, observa-se a presença de

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe; Especialista em Didática do Ensino Superior e Gestão Financeira pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - AGES; Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Sergipe. augustoteixeira@parisbook.com.br.

² É pertinente considerar que este vocábulo precisa ser mais bem precisado quando se trata de Brasil, especialmente em relação as várias denominações religiosas que o mesmo cobre, além disso, é pertinente considerar a observação do professor Leonildo Silveira Campos, ao tecer o seguinte argumento: “O termo “evangélicos” abrange uma boa parcela (de 20% a 30%) da população brasileira. Trata-se de uma população portadora de uma homogeneidade discutível da qual fazem parte pessoas pertencentes às camadas mais pobres (classes “D” e “C”) até os que estão na baixa classe média. Os evangélicos mais tradicionais pertencem às classes médias (baixa e média, principalmente). De uma maneira geral os evangélicos têm assumido uma postura conservadora. Em certos meios eles votam de acordo com as solicitações de seus líderes, considerados por alguns deles como os “homens de Deus”. Porém, há ocasiões em que essa fidelidade às diretrizes emanadas dessas lideranças não funcionam à contento. Por exemplo: em 2006, a representação evangélica na Câmara Federal caiu pela metade (de pouco mais de 60 para pouco mais de 30 deputados), apesar da solicitação de pastores e bispos para que os fiéis votassem em seus candidatos (muitos deles estiveram envolvidos com escândalos como o do Sanguessuga ou Mensalão)” (O 2º TURNO..., 2014)

³ O vocábulo estigma é utilizado por Erving Goffman (1993), para indicar as pessoas que sofrem com os estereótipos, ou seja, imagens falsas ou alóxicas que atribui a pessoa uma característica depreciativa, em geral por se diferenciar do grupo dominante.

candidaturas evangélicas como sendo estratégicas para a defesa dos interesses dos seus simpatizantes⁴. Assim, a presença dos evangélicos nesse cenário demonstra a dinâmica que a política e o poder impõem para os grupos no interior da sociedade. Isso significa reconhecer a movimentação desses como essenciais para assegurar seus direitos no interior das relações sociais (DONEGANI, 2006). É uma atitude nova que corrobora com o pensamento e ação dos movimentos sociais. É nesse contexto que acreditamos na busca de esquemas conceituais e metodológicos que deem base para demonstrar a imbricação entre engajamento e militância política em outras relações apresentadas na vida social (OLIVEIRA, 2013).

Situação semelhante também ocorreu em Aracaju. Ao longo dos últimos trinta anos, os evangélicos e, especialmente, membros da Igreja Assembleia de Deus têm pleiteado vagas no legislativo municipal, que é composto por 24 vereadores (a atual legislatura compreende o período de 2013 a 2016), cargos ocupados pelos eleitos no pleito de 2012, quando quatro evangélicos lograram êxito em suas campanhas - Daniela Fortes (PR), Valdir Santos (PT do B), Pastor Jony (PRB), Pastor Roberto Morais (PR), os quais ocuparam respectivamente a 7^a, 8^a, 9^a, 11^a posição, e Emília Corrêa (DEM), com votação que permitiu ocupar a 1^a suplência⁵ entre os eleitos.

A participação de evangélicos no parlamento brasileiro é uma realidade. Essa inserção no contexto da política partidária deve-se a uma série de fatores, entre eles, a defesa dos interesses do segmento que procura representar com forte apego ao discurso moralizante, focado, especialmente em argumentos em torno do modelo de família patriarcal. Agindo assim, é natural que reprovem qualquer tentativa de discussão e regulamentação do direito ao aborto ou reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo (população LGBT - lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros).

O aparecimento do fenômeno dos políticos evangélicos também está associado à inserção desses na mídia, quer seja através de programas religiosos ou mesmo na aquisição de concessões de canais de rádio e televisão, a exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus, em que figura o Pastor Edir Macedo como fundador e proprietário da Rede Record de

⁴ A esse respeito Luiz Werneck Vianna (2014), afirma que: “Não por acaso, portanto, o tipo de apropriação da política realizado pelos evangélicos, particularmente os pentecostais, se tem mantido ao largo dos temas da agenda clássica republicana. Não se trata, em que pese à mesma forte interpelação da inspiração bíblica, de nada que relembre a chamada “revolução dos santos”, fermento das lutas contra o absolutismo na Inglaterra do século XVII, com os seus ideais de comunidades igualitárias e autogovernadas, de uma esfera pública tecida diretamente pelo fluxo da sociabilidade, que, transplantada para a América pelos pioneiros auto exilados, deu partida à história daquele país. Nascida à margem da República, indiferente a ela, se há algo conhecido sobre a experiência pentecostal na vida social brasileira decerto está na influência positiva que exerce sobre a autoestima da massa dos seus crentes, originários, em sua maioria, dos segmentos mais deserdados socialmente. Na política, ao menos até então, tem-se limitado a uma defesa de estilo corporativo dos seus cultos e a temas referidos à família e aos seus valores”.

⁵ A referida parlamentar assumiu o mandato no dia 05 de março de 2013, no lugar do vereador Nitinho (DEM), que passou a gerir a pasta da Secretaria Especial da Cultura de Aracaju. Em 16 de janeiro de 2014 o Vereador Nitinho foi exonerado da pasta de Cultura, voltando posteriormente ao executivo municipal.

Televisão. E, de igual modo, outras denominações que compram espaços nas emissoras nacionais e locais, em geral em horários menos valorados pelo mercado publicitário (madrugadas e manhãs), com o objetivo de servir de instrumento de divulgação da fé.

Essa inserção, iniciada anteriormente, ficou ainda mais forte pós Constituição de 1988, quando se observa a ampliação da democracia e a consequente busca de espaço na sociedade por diferentes segmentos, a exemplo dos evangélicos que também procuram firmar suas posições e conquistar poder no cenário local e nacional. Desse modo, alguns evangélicos, a exemplo do Pastor Silas Malafaia, passaram a ocupar lugar de destaque no cenário público nacional através da defesa de certos pontos de vista, discutidos após a apresentação de propostas de lei (PLC 122 – criminalização da homofobia), ou mesmo nos discursos proferidos nas tribunas legislativas e na imprensa.

Entre as denominações religiosas que mais se organizaram para pleitear espaço nos parlamentos, destaca-se a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que mantém influência junto ao Partido Liberal (PL), atual Partido da República (PR), que indicou José Alencar como vice-presidente nos dois mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e, recentemente também se faz presente junto ao Partido da República Brasileira (PRB). Cabe observar, portanto, que em pouco tempo os partidos de influência desta Igreja já haviam eleito uma série de parlamentares, entre deputados estaduais, federais, senador⁶, além de Vice-presidente da República.

O aumento do número de evangélicos nos parlamentos constitui um fenômeno instigante da vida política nacional. Primeiro, pelo discurso que justifica e alicerça as candidaturas, ou ainda, pelo papel que o voto evangélico representa no conjunto da população votante⁷. Estes aspectos somam-se ao contexto de consolidação da democracia e do embate entre os diferentes segmentos sociais pelo poder no país.

Destarte, o presente artigo advém da tentativa de entender a relação entre pastores evangélicos e o voto, enquanto cabos eleitorais, focando a atenção sobre os membros que são escolhidos para a candidatura a vereador, as estratégias e o voto dentro da Igreja, bem como as estratégias e o trabalho do voto fora da Igreja. Utiliza-se, portanto, como pergunta norteadora dessa análise: como os evangélicos da Assembleia de Deus estruturaram suas campanhas eleitorais e, se o capital religioso é um elemento fundamental para o sucesso da candidatura?

O cerne do presente artigo é elaborar um levantamento das discussões que giram em torno da temática evangélicos e a política, para isso foi realizada uma revisão de literatura de

⁶ O único senador eleito com influência da Iurd é o Pastor Marcelo Crivella, sobrinho do Pastor Edir Macêdo, pelo Estado do Rio de Janeiro.

⁷ Segundo dados do Censo demográfico de 2010 (IBGE), o número de evangélicos aumentou 61,45% em dez anos, num universo de 42,3 milhões de pessoas, ou 22,2% da população brasileira (NÚMERO..., 2013).

modo a analisar os estudos que tratam das problemáticas que tangem às dinâmicas de voto, de campo político e religioso, militância, política de grupo e diática. Assim o artigo, fazendo uso de entrevistas como instrumento de uma metodologia de pesquisa qualitativa, está dividido em sessões que discutem respectivamente a estruturação de campanhas pelos evangélicos, a atuação desses na política em Aracaju na eleição de 2012; um estudo sobre a forma como os candidatos evangélicos são escolhidos; uma análise sobre os discursos e estratégias de campanha, bem como estratégias e trabalho do voto dentro da Igreja e fora dela.

2. Voto e militância: evangélicos e a estruturação de suas campanhas

Os dados levantados sobre a participação dos membros da Igreja Assembleia de Deus nos pleitos eleitorais entre 1986 e 2010 apontam para o quanto tiveram que aprender a fazer política nos diferentes pleitos, a ponto dessa interação ir produzindo resultados positivos para o projeto político da referida denominação religiosa. Avanço que é também acompanhado de novas posturas quanto à posição da Congregação e as dificuldades para costurar apoios e convencer os seus membros da importância de ter um representante no legislativo municipal de Aracaju. E, os esforços lograram mais uma vez êxito através do Pastor Roberto Moraes, em 2012. Assim, até que ponto a religião influencia o voto? Ou, quais as razões que justificam a candidatura evangélica nas últimas décadas?

2.1 Os evangélicos e a política em Aracaju: análise da eleição de 2012

A eleição de 2012 apresenta algumas particularidades que precisam ser consideradas quando se trata de tentativa de interpretação do cenário político. Primeiro, é o momento de embate mais forte entre o Grupo liderado pelo então Governador Marcelo Déda (PT)⁸ e o ex-governador João Alves Filho (Democratas)⁹, num percurso de continuação da gestão petista e PC do B por 12 anos. Isso implica reconhecer os seus desdobramentos nas candidaturas à Câmara Municipal, especialmente num momento em que havia um clima de rejeição forte à gestão e, conseqüentemente ao projeto político atrelado aos petistas. E, em segundo lugar, o clima estava mais propenso a se pensar em candidaturas novas, ou de grupos muito bem articulados com lideranças de bairros. Isso implicava para os evangélicos a necessidade de uma estrutura de campanha que não se esfacelasse ao longo do pleito.

Nota-se, também, que foi uma eleição com forte apelo às novas mídias, especialmente às redes sociais na internet. Isso significa ter uma equipe e um projeto de

⁸ Atual prefeito de Aracaju (2013-2016).

⁹ O Governador Marcelo Déda faleceu no dia 02 de dezembro de 2013, no Hospital Sírio Libanês, vítima de câncer.

comunicação com os jovens, capaz de permitir o diálogo, de forma aberta e ampla. Logo, estamos diante do que Moacir Palmeira e Beatriz Heredia (1997) denominam de tempo da política.

O “tempo da política” é um tempo, no qual os cotidianos se misturam, o que já tínhamos com o cotidiano da política, que acaba de surgir. Não há uma eliminação de rotinas, mas uma mudança que interfere fortemente na maneira de ser. No transcorrer desse período as pessoas seguem sua vida familiar, profissional, religiosa normalmente, mas a política começa a invadir esses espaços, quando sua linguagem de divisão torna-se autorizada. Uns lugares são mais invadidos que outros, e assim muitos de seus domínios são obrigados a se redefinirem de modo a não gerar conflitos (PALMEIRA; HEREDIA, 1997).

Os projetos políticos não podiam ser apenas voltados para os evangélicos, tendo em vista a necessidade de se pensar os graves problemas estruturais e sociais que os municípios enfrentam diuturnamente, como a falta de planejamento viário, rede de esgotamento sanitário, habitação, educação e saúde. Demandas que passaram a fazer parte dos desafios das candidaturas de 2012, além disso, os nomes dispostos a concorrerem a uma das 24 vagas já demonstravam um novo perfil dos candidatos¹⁰, ou seja, o vínculo com segmentos sociais, ou políticos com larga experiência na vida pública, o que dava o tom do quanto o pleito seria acirrado.

O fato das novas mídias estarem no cerne das possibilidades de uma melhor interação com o público, especialmente jovem, não exclui a presença de programas de rádio, ou inserção na televisão em programas religiosos¹¹. Isso demonstra que foram utilizadas

¹⁰ Para o Pastor Jony, o perfil do candidato evangélico passa pelo seguinte contexto, ou seja, “Eu acho que muita coisa influencia na eleição, primeiro a liderança se faz sobre o candidato ideal ainda precisa ser o pastor porque é quem exerce a influência de liderança mais a gente vai evoluir é... eu acho que a juventude também ajuda muito, eu me tornei vereador com 26 anos, hoje tenho 36 você pode ver que ainda tenho cara de 25, sem modéstia e eu na verdade eu me preocupo muito com a imagem eu sou do tipo que faz regime para não ficar gordo de mais que para poder apresentar uma imagem de quem tem responsabilidade com o seu próprio corpo quanto mais com as pessoas que ele representa, é procuro manter essa jovialidade porque o espírito não envelhece né a alma não envelhece então a velhice estava muito na cabeça das pessoas, claro que ainda tenho 36 anos mais eu me comporte como um adolescente pra que eu possa ter o adolescentes ao meu lado, mais também converso coisas de adulto e de idosos estou me preocupando com essa classe também porque sei que eles esperam de mim uma postura de pessoa adulta corrente que sabe o que estava fazendo e principalmente o que estava falando então eu acho que o candidato tem que reunir tudo isso, tem que se preocupar com a sua aparência com seu discurso tem que estar sintonizado com as necessidades, não adianta as pessoas tarem falando sobre feijão e eu tá conversando abobora né, preciso tá sintonizado com o meu tempo, com o meu publico e principalmente com a politica do meu estado , uma coisa que eu confesso que no primeiro mandato eu fiquei boiando muito tempo mais hoje já participo da politica do meu estado aliais assumi a presidência do diretório estadual do meu partido e já venho desempenhando ate com, claro com limitações por conta do meu partido ser um, partido ainda” (Pastor Jony, entrevista em 31 jan. 2014).

¹¹ Jonatas Silva Meneses (2009, p.94), ao tratar desse aspecto afirma que: “[...] no caso dos pentecostais os fatores mais decisivos no crescimento têm sido a massiva participação nos meios de comunicação (rádio e televisão)”.

diferentes estratégias¹² para se chegar ao grande público, anteriormente, utilizadas por membros da Assembleia de Deus, em Aracaju.

O rádio aparece na fala da vereadora Daniela Fortes como uma das estratégias importantes de sua candidatura. Entretanto, esse veículo somente reverteu a ação em voto no momento em que as pessoas viram suas demandas resolvidas de alguma forma, ou seja,

Eu posso atribuir 25% do meu mandato aos problemas solucionados no meu programa de rádio. Não só a divulgação. Mas eu acho que o principal, que o povo gosta, é quando chegou ao bairro para fazer a reportagem e consigo resolver o problema. Isso conta muito. Isso ajuda, porque quando eu vou fazer reportagem, quando eu vou atrás de resolver, eu não simplesmente coloco o povo no ar para falar, quando eu saio de lá, por exemplo, se for um problema de esgoto, esgotamento sanitário, se for um problema de drenagem e pavimentação, então, o povo fala, o povo reclama e eu vou atrás da solução. Eu vou atrás de Emurb (Empresa Municipal de Urbanização), vou conversar com o prefeito... E muitos desses problemas foram resolvidos, através de uma reportagem. Eu digo: “Olha, eu estou aqui, em nome da Radio Atalaia, não como vereadora, eu estou aqui como repórter. Estou aqui. Ouvi o povo. Está aqui a gravação. O povo está reclamando”. Falo também na Câmara, faço as indicações, levo lá e muitos problemas foram solucionados. Então, quando a gente chega ao bairro só tem crescido, assim, o nosso desempenho. O nosso mandato também tem ajudado. Assim, o rádio influenciou (Entrevista n. 1 – 21 jan. 2014).

Esse é um dos primeiros indicativos das práticas utilizadas pelos evangélicos em Aracaju, especialmente os assembleianos nas eleições municipais, mesmo que haja uma negativa inicial quanto à utilização dos programas de rádio e televisão para convencer a população a votar em um candidato com vínculos religiosos. É uma percepção que pressupõe o cuidado de levantar outros elementos que ajudam a clarear este fenômeno social.

2.2 Os escolhidos

A fórmula utilizada para definir o candidato é algo muito próprio de cada denominação religiosa, ou seja, na Igreja Universal do Reino de Deus a cúpula da Igreja define aqueles que irão se candidatar, enquanto na Assembleia de Deus essa tarefa é mais complicada e depende de inúmeros fatores (MACHADO, 2006), ou seja, entre 1986 e 2010 a cúpula definia quem iria ser candidato pela Igreja, mas em 2012, essa orientação mudou radicalmente, ao definir que os interessados estruturariam suas candidaturas e, assim apresentariam à comunidade, ou seja, impôs a todos concorrer pelos votos dos fiéis¹³. Isso

¹²É do conhecimento básico da sociedade que uma eleição requer estratégia. E, num contexto de circulação de informações em um ritmo alucinante, é mais do que necessário que esse recurso seja adequadamente utilizado, ou seja, “[...] a primeira é a dimensão estratégica, que possibilita a compreensão do posicionamento dos candidatos e partidos no cenário eleitoral, das orientações das ações, iniciativas, defesas e reações empreendidas, da postura dos concorrentes na disputa, a linha de argumentação e da retórica discursiva utilizadas por eles e dos meios e apelos empregados para persuadir, seduzir, atrair e conquistar os eleitores para as alternativas políticas propostas” E completa: “o comportamento do eleitorado constitui a segunda dimensão do processo eleitoral [...]” e, a terceira a mídia (SILVEIRA, 2002, p. 7).

¹³ Aqui merece um parêntese, para se pensar quem são os fiéis e as possibilidades de uma candidatura, especialmente quando se considera que a Assembleia de Deus é formada pelos: “[...] mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados” (MARIANO, 1999, p. 12).

indica que uma situação de pluralidade¹⁴ passou a vigorar no interior da Igreja Assembleia de Deus, como adequação da hierarquia ao cenário democrático que vive a sociedade brasileira. A nova orientação quanto aos candidatos a representarem a Igreja Assembleia de Deus abriu espaço para novas possibilidades no jogo político no interior do círculo evangélico em Aracaju. É um contexto que exige certa aproximação com o campo político e, isso escapa do modelo construído na década de 1980, quando os candidatos evangélicos destoavam da cena política tradicional, ao se apresentarem como novatos, assim, a escolha perpassa de membros que apresentem identidade com o grupo, o poder da oratória, ou o poder carismático, na perspectiva de Max Weber (1979), ou sacralização do poder, elemento mais característico apresentado por Luc Deheusch (2006).

E, liberando seus membros para pensarem um projeto político que passa a ser pessoal, e não escolha da cúpula da igreja: qual teria sido o motivo que levou a Assembleia de Deus a adotar esta decisão? A resposta é dada pelo Pastor Daniel Fortes, ao afirmar que: “hoje está difícil à igreja apresentar um nome porque existem muitos pretendentes e para isso não ser um problema para a igreja. Eu considero que a cúpula, liderança, prefere não apresentar quem já é pretendente,” (Entrevista n. 2 – 21 jan. 2014).

A predisposição do candidato não é um ato isolado. Ao contrário, as entrevistas demonstram que o projeto político precisa estar amadurecido no interior da comunidade, caso contrário o apoio dificilmente surgirá. Isso aponta para a necessidade de novas estratégias para assegurar a vitória, o que justificaria o caminho trilhado por Daniela Fortes, ao ir buscar votos em outra denominação religiosa (Internacional da Graça).

2.3 Discursos e estratégias de campanha

O discurso e as estratégias de campanhas mudaram muito ao longo de três décadas de candidaturas evangélicas no Brasil e Aracaju. Em parte, como resposta ao fracasso nas primeiras tentativas, ou pela própria dinâmica dos pleitos que passaram a incorporar novos elementos midiáticos que forçaram uma reviravolta no modelo de conquista de votos, com consequente aproximação de novos instrumentos, a exemplo do uso do rádio, da televisão e, mais recentemente a internet, sem o discurso “raivoso” que era a marca dessas candidaturas nos pleitos da década de 1980 e 1990, ou seja, “[...] a intransigência proselitista desses

¹⁴ Para Peter Berger (, “a característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser ‘vendida’ para uma clientela que não está mais obrigada a ‘comprar’. A situação pluralista é, acima de tudo uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica de mercado”.

evangélicos no plano cultural se tornaria um sinal de possível intolerância e antiliberalismo no plano político-institucional [...]” (BURITY, 2006, p. 175). Tudo isso está diluído em novo formato de discurso, enquanto estratégia que procura dialogar com todos.

É no contexto das mídias que o discurso evangélico ortodoxo se diluiu em uma espécie de defesa de valores da cidadania. Isso implica reconhecer uma abertura para o diálogo com outros segmentos não evangélicos¹⁵, ou a supressão de temas polêmicos durante as campanhas, para evitar desgastes desnecessários, deixando-os para ao longo do mandato, ou seja, “O projeto Cidadania AD-Brasil” explicita isso da seguinte forma: “o projeto reconhece a necessidade de estimular uma consciência de maior preocupação para com as questões sócio-políticas, incentivando uma conduta pautada na ética, no respeito ao ser humano, às instituições e, acima de tudo, nos princípios cristãos” (BANDINI, 2003, p. 72).

Posição que se encontra na fala do Pastor Daniel Fortes, ao asseverar que:

Eu acho que o voto não tem lado, muito menos religioso. Acho que é importante que o candidato evangélico avalie os candidatos, mas as pessoas lá fora também os avaliam, os observam. E a gente sempre teve uma fatia considerável no evangelho, que admiram nosso trabalho e votam conosco, independente da questão da posição religiosa. Eu acho que não se deve também levar por esse lado. Há um adágio, um dito aí, popular no meio evangélico, que “irmão vota em irmão”. Tem até um livro nesse sentido. E eu acrescentaria a essa frase: irmão vota em irmão que trabalha (Entrevista n. 2 – 21 jan. 2014).

E, ao avaliar que o voto não se encontra necessariamente vinculado a ideologias religiosas, o referido Pastor também aponta para o fato da imprecisão em afirmar que um evangélico votaria em outro membro da Igreja. Logo, o mesmo também ocorre em relação aos não evangélicos. Percepção que o conduz a avaliar como sendo plenamente possível a

¹⁵ A respeito do voto não evangélico, o Pastor Jony assevera que: “Eu trabalho muito fora da comunidade evangélica, eu como radialista eu faço programação de radio em quatro rádios no estado e ainda faço programa de TV, exata mento pra alcançar esse nicho que eu entendi que o meu, a comunidade evangélica foi a alavanca que me projetou, mais ela sozinha não conseguir me levar, ela mesmo precisa que eu chegue né, eu tenho sonhos de governar este estado alias eu ate brinco quando eu nasci, eu sou natural do Mato Grosso do Sul no ano de 1977, não existiam dois Mato Grosso, por curiosidade até o estado se dividiu em 1977, em nasci no dia 30 de setembro e o estado se dividiu no dia 11 de outubro e quem governava o Mato Grosso era um sergipano chamado Garcia Neto, que é parente de Gilson Garcia, eram três Garcia que governavam três estados do Brasil concomitantemente o Amapá, Mato Grosso e Sergipe e um sergipano governava o estado do Mato Grosso quando eu nasci, então Sergipe ainda me deve muito eu sou só vereador ainda, né ainda tenho que ser governador para poder pagar a conta fechar a conta, eu sempre brinco com isso e o Brasil tem essa maravilha de você poder ser brasileiro em qualquer lugar você não escolhe onde nasci, mais escolhe onde vive, eu escolhi Sergipe pra viver pra ter meus filhos aqui eu tive uma filha e um filho, enterrei um filho nessa terra infelizmente Deus amou mais o meu filho do que eu acabou levando pra si, mais eu sinto prazer em dizer que amo essa terra e quero passar o resto dos meus dias aqui e entendo que preciso trabalhar muito o pastor Jony hoje talvez seja uma das lideranças do meio evangélico que conseguiu se projetar fora dessa comunidade hoje eu tenho uma grande liderança no centro sul do estado e acabo influenciando inclusive na política local o exemplo disso é que nós conseguimos trazer a maior liderança do centro sul do estado que é o ex-prefeito Ivan Leite pra o nosso partido e consegui o apoio de Ivan Leite para a minha futura campanha de Deputado Federal, isso é resultado dessa força política que nós conseguimos alcançar com o tempo, até porque eu aprendi na palavra de Deus que eu tenho que alargar as minhas tendas e é o que eu tenho feito, tenho procurado espaço fora da comunidade evangélica mais não esqueço as minhas raízes e o meu compromisso continua sendo o mesmo, eu preciso continuar sendo o representante da comunidade que me projetou isso não quer dizer que eu não possa ser representante de outras comunidades mais não posso perder eu meu senso” (Pastor Jony, entrevista em 31 jan. 2014).

conquista de votos na sociedade em geral. Isso ocorreu, por exemplo, na eleição de 2002, à Presidência da República quando o Partido dos Trabalhadores (PT) firmou um acordo com o Partido Liberal (PL) – sigla ligada a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), como aponta Joanildo Burity (2006) ao analisar as implicações dessa aliança neste pleito.

Em relação às estratégias utilizadas pelos candidatos evangélicos em 2012, o Pastor Daniel Fortes assegura que:

Eu acho que as estratégias que podem ser utilizadas por qualquer candidato é o serviço prestado. Não tem estratégia melhor do que você ter o que apresentar [começado antes da campanha]. Não é apenas promessa de campanha. Eu acho que não é a questão do puro dizer que vai fazer: “Vou fazer isso. Vou fazer aquilo”. Mas é como cidadão, como pai de família, como cristão. O que é que essa pessoa tem feito? Essa pessoa deve analisar a história. Então, a estratégia, no meu entendimento, que funciona melhor, é quando o candidato tem o que apresentar para a sociedade, de concreto. Eu acho que essa questão de promessa, prometer o que vai fazer, o pobre já está saturado disso aí. Isso aí não funciona em minha opinião (Entrevista n. 2 – 21 jan. 2014).

A posição do referido Pastor Daniel Fortes coaduna com suas práticas antes das eleições no programa de rádio e, mais especificamente nas ações desenvolvidas pela associação sob a sua responsabilidade.

2.4 Estratégias e trabalho do voto dentro da Igreja

O voto é trabalhado dentro da Igreja em diferentes frentes. Pode ocorrer logo após os cultos, quando o Pastor abre o espaço para o candidato falar à comunidade, ou em reuniões marcadas com essa finalidade. Além disso, essa estratégia procura maximizar uma característica básica entre os evangélicos, ou seja, os encontros semanais¹⁶. Isso aparece na percepção da vereadora Daniela Fortes¹⁷ ao afirmar que: “a minha estratégia foram às reuniões. Eu acredito que se não fossem as reuniões que eu tinha com as pessoas, abrindo a visão, tenho certeza eu seria muito difícil a minha vitória, porque as pessoas, hoje, por exemplo, para votar num candidato sem conhecer é difícil, muito difícil” (Entrevista n. 1 – 21 jan. 2014). Isso implica reconhecer na fala da referida candidata o estereótipo que ainda marca a relação entre religioso e político, ou seja,

Como é que eu vou votar? Se o político, hoje, infelizmente, tem uma fama terrível. O político não aparece. Só aparece na época de eleição. Então, isto contou muito, que foram as reuniões mostrando: a minha história de vida, de onde eu vim, como eu comecei, por que realmente esse é meu chamado, o que eu farei, quais são os meus objetivos, meu projeto. Eu tenho certeza que esse plano foi fundamental pra minha vitória (Entrevista n. 1 – 21 jan. 2014).

¹⁶ Regina Reyes Novaes (1998, p. 7), ao tratar deste tema assevera que: “Mas, não é só pelo número de fiéis que os evangélicos se distinguem. Neste país de absoluta maioria católica – em que os ‘não praticantes’ superam de longe os ‘praticantes’ -, a densidade da participação semanal dos evangélicos nos cultos é o que mais desperta a atenção de muitos. Não é por acaso que em época de eleições os evangélicos se tornam também um alvo para os políticos que buscam nichos onde já existam votos congregados”.

¹⁷ Membro da Igreja Internacional da Graça.

Nota-se também que a estratégia das reuniões coaduna com as velhas práticas eleitoreiras de visitas às casas de correligionários, ou seja, amigos, parentes, conhecidos com o propósito de firmar uma pareceria ou reforçar os laços já existentes. E isso se evidencia quando se analisa a fala da candidata da Igreja Internacional da Graça, mas que obteve apoio importante da Igreja Assembleia de Deus para a sua eleição em 2012. Especialmente quando se observa a fala:

Houve. Roberto Moraes teve apoio de um número considerável da Missão, como também a Daniela teve um número considerável de candidato da Missão, mesmo eu não estando lá, mas eu passei lá dezessete anos, eu fui vice-presidente da Assembleia de Deus Missão, então, eu tenho conhecimento lá, eu tenho amizade que ninguém pode apagar, até hoje. E alguns desses votos da missão foram transferidos pra Daniela. Ela foi a primeira colocada entre os evangélicos. A igreja a que ela pertence, que pouca gente... (Entrevista n. 2 - 21 jan. 2014).

A candidata revela algo que se tornou corriqueiro nos últimos pleitos, ou seja, trocam-se as visitas individualizadas pela figura do cabo eleitoral, em geral, a liderança local que é cooptada para fazer a intermediação do voto.

Nota-se também que, no caso dos evangélicos, as visitas ainda continuam, tendo em vista que suas estratégias de convencimento mesclam assistência social, que pode ser vivenciada em uma relação de díade (LANDE, 1977), onde o líder deve empenhar-se para obter benefícios para os seus visitados, e esses afirmam sua importância demonstrando seu valor para as lideranças, nesse caso, o voto apresenta a contrapartida. Outra relação tem sua base no convencimento de que este é um projeto de Deus e, como tal cada cristão precisa dar a sua contribuição e, somente depois do pleito é que as “graças” poderão ser recebidas, posto que o candidato seja apenas um escolhido sem grandes posses, igual a qualquer outro em sua comunidade. Logo, o sentimento de distância entre político e comunidade vem se acentuado, a ponto da vereadora eleita pela Igreja Internacional da Graça afirmar que:

Então o povo falava muito isto pra mim: “Você é uma das poucas que vem na comunidade, que anda aqui, que ouve a gente, que vem pedir”. Então isso contou muito. Foi uma estratégia forte: foi estar na comunidade, caminhar, fazer reuniões. Eles sentiram muita falta. É por isso, assim, que eu posso atribuir a alguns candidatos que perderam a eleição, que estavam confiando no seu próprio dinheiro, na sua própria força e não foram para a comunidade. Hoje o povo abriu muito a visão, o povo realmente, assim, amadureceu muito, porque a maior cobrança quando eu chegava nos bairros era essa, dizer: “Olhe, até os políticos que estão lá na cadeira não aparecem aqui, mas você veio. Vou votar em você, só porque você esteve na minha casa”. Isso fez a diferença (Entrevista n. 1 - 22/01/2014).

As alianças são feitas entre congregações religiosas com o intuito de potencializar uma candidatura. Fato que pode ocorrer formalmente, ou não. Isso aconteceu em uma das candidaturas em que a filha de um pastor saiu da Assembleia de Deus e foi para a Internacional da Graça, enquanto o pai também migrou no interior da Assembleia, o fato é que ambos arrebanharam votos das duas denominações, sem que isso tenha significado uma estratégia firmada com a anuência de ambas as congregações. O que se deduz desse processo

é um jogo de expertise que demarca o campo político, ou como diria Pierre Bourdieu (2011), a capacidade de manusear as disposições, agora não mais religioso apenas, mas religioso e político partidário.

Notam-se também algumas particularidades na condução da relação entre o candidato e sua estrutura de campanha. Isso fica visível quanto aos encontros, em que semanalmente torna possível avaliar, sugerir, instruir e acompanhar as ações que estão sendo desenvolvidas. Aspecto que também foi observado pelo cientista político Rubens Figueiredo, ao analisar o resultado da Eleição de 2012, quando quatro vereadores evangélicos foram eleitos, e uma primeira suplente, aumentando em 100% o número de vereadores com este perfil. A esse respeito, é perceptível que os evangélicos possuem capacidade de mobilização muitas vezes maior que outros grupos. Além de comungarem da mesma fé, eles se encontram regularmente e detêm meios de comunicação. Por isso, são candidatos fortes em campanhas proporcionais. Percepção que nos leva a observar o quanto o grupo tem sido importante para influenciar resultados. Além disso, os evangélicos constituem uma bancada pluripartidária, fazendo parte da composição de diversos partidos, e suas atuações não se limitam a questões apenas religiosas. Esses fatos nos apresentam uma maneira clara de relações sociais no processo de mediação política, isso se verifica em Landé (1977), quando analisa a questão da política desenvolvida em grupo, onde, determinados grupos se unem com os mesmos objetivos e deveres, isto é, compartilham interesses comuns utilizando os recursos individuais, conseguindo força e eficácia para efetivar as suas estratégias políticas. Registra-se, que a política de grupo e a diáde, são modelos que dificilmente existirão de forma pura.

A escolha do aspirante segue um rito mais ou menos semelhante, ou seja, ser evangélico praticante ou pastor. No caso da Assembleia de Deus a condição básica é ser pastor. Isso anula negociações, ou outras manobras que possam assegurar que um recém-chegado possa pleitear uma candidatura entre os fiéis. Assim, o caminho é a construção do nome aos poucos, com a disponibilização para as lideranças religiosas e a comunidade.

O fato de se legitimar perante a liderança religiosa não é uma garantia de apoio da comunidade, que deve ser compreendida como livre para decidir sobre o voto. Assim, as mulheres passam a atuar na conquista do voto, indicando as qualidades do candidato e levando a mensagem das possibilidades que a vitória irá proporcionar ao “povo de Deus”. Isso agregado ao fato de que a soma de esforços do candidato, das lideranças, das mulheres e outros cabos eleitorais produzem uma mobilização através de visitas *in loco*.

Os discursos de campanha não têm como se desvencilhar do campo religioso, entretanto, as disposições que aparecem nas ações dos candidatos é uma mescla entre visão religiosa e secular, em que as velhas práticas eleitoreiras foram incorporadas para assegurar o voto, caso

contrário o caminho seria a derrota, fato que nenhum deles espera, mesmo porque existe um potencial latente de possibilidades de arregimentar um quantitativo muito significativo no interior da Congregação para o projeto, mas para isso é preciso habilidades para convencer os fiéis a votarem nos candidatos.

O projeto da Assembleia de Deus, na eleição de 2012, sai vitorioso com o Pastor Roberto Moraes. Entretanto, o apoio do Pastor Daniel Fortes, a filha Daniela Fortes, candidata da Igreja Internacional da Graça, impõe um olhar mais cuidadoso, posto que esse ato não possa passar despercebido, ou seja, houve a divisão de votos dentre as denominações religiosas e, ao mesmo tempo assegurou as duas candidaturas e, conseqüentemente, a vitória. Além disso, o fato de quatro evangélicos terem sido eleitos nesse pleito e uma suplente impõe reconhecer o crescimento desse segmento no parlamento municipal, a ponto de representar 20% das vagas.

2.5 Estratégias e trabalho do voto fora da Igreja

A experiência adquirida pelos candidatos da Assembleia de Deus desde a eleição de 1986 permitiu que construíssem estratégias de campanha que primem, também, pela busca de votos fora da Congregação. Essa atitude somente foi sendo valorizada depois que os resultados nas urnas demonstraram que os votos dos membros da Igreja são insuficientes para assegurar a vitória, quer seja pelo quantitativo, caso todos aderissem ao projeto, quer pela incapacidade do montante de votantes atingirem o número mínimo para assegurar uma vitória. Então, isso implica em construir uma candidatura que possa ser competitiva dentro e fora do espaço religioso, ou como assevera Marcus Faria Figueiredo (2008), é preciso medir a capacidade do eleitor de votar num determinado candidato¹⁸ e, aqui em estudo um evangélico.

Entre as estratégias utilizadas pelos candidatos da Assembleia de Deus, nos últimos pleitos e, especificamente em 2012, destacam-se as visitas domiciliares. Em geral, efetivadas por membros da Congregação (em especial as mulheres), que são designadas pelo Pastor ou candidato, com missão de percorrer as comunidades levando a mensagem e a imagem da campanha. Podemos assim, considerar os membros escolhidos como cabos eleitorais, por serem os que melhor representam os candidatos em todos os campos de atuação (QUEIROZ, 1975), pois, nas eleições não vence o mais capacitado, e sim o que pode barganhar o voto, a reciprocidade de dons, tendo em vista que em função do trabalho realizado pelo militantes com populações menos abastadas: alfabetização, saúde, reivindicação de serviços básicos

¹⁸ Em “A decisão do voto - democracia e racionalidade”, Marcus Faria Figueiredo (2008, p. 144), que: “Estrutura o cálculo de votar é, pois, amalgamar estes fatores de forma tal que uma opção eleitoral se apresente como a melhor para o eleitor, como aquela que maximiza o inventivo econômico compensatório da ação política, desejo último de cada um. Para estruturar o cálculo de votar temos, antes, que definir a equação decisória, que se compõe de três termos: o conjunto de ações realizáveis, o estado de natureza, e o conjunto de preferências [...]”.

(água, eletricidade, esgoto), criação de centros de recuperação de viciados, constituem uma ampla rede de associações (COMBES, 2009). Somam-se às estratégias externas as ações de associações de assistência social¹⁹. E, nesse caso, os membros podem estar mobilizados bem antes das eleições, quer no desenvolvimento de ações comunitárias, ajuda em caso de calamidades (enchentes, secas), ou mesmo na capacitação de jovens para o mercado de trabalho. É uma espécie de mobilização perene, que ganha maior força e vigor nas vésperas de eleições, apesar de se manter latente todo o tempo.

A candidatura evangélica também enfrenta resistências. Essas podem ser tanto internas, quanto externas. Nesse sentido, uma das maiores barreiras é convencer o eleitorado não evangélico a acreditar ser possível depositar um voto para um pastor. Em geral essa conquista se opera através de alguma ação do futuro político na comunidade. Por isso, não é de se admirar que o contato ocorra ainda na pré-candidatura quando o candidato percorre os bairros da cidade, com cabos eleitorais e militantes, com a finalidade de ouvir a demanda da população, logo após se busca sanar os problemas junto à gestão municipal, quando não, utilizam-se de programas matutinos de emissoras de rádio aracajuanas para denunciar os problemas. O resultado é a simpatia das pessoas que sofrem com a falta de iluminação, problemas de esgotamento sanitário, dificuldades em marcar ou conseguir um remédio na unidade de saúde. Isso sem falar das ações desenvolvidas por associações diretamente ligadas aos candidatos ou igrejas evangélicas.

As estratégias adotadas inicialmente focavam a adesão dos membros da Igreja, mas um detalhe passou despercebido, ou seja, nem sempre há a segurança de que todos os votos serão depositados no candidato na Igreja, seja por falta de empatia, ou mesmo pelo compromisso já assumido anteriormente com outras lideranças evangélicas ou não. Além disso, a forma de se dirigir e chegar aos não evangélicos precisa ser trabalhado com cautela, tendo em vista a percepção construída ao longo do tempo no interior da sociedade sobre os evangélicos e, mais recentemente o embate com a Igreja Católica e Igreja Universal que terminou prejudicando uma visualização positiva dos pastores. Além disso, o episódio da CPI das Sanguessugas²⁰, em que um deputado federal evangélico de Sergipe teve que renunciar ao mandato também impactou negativamente, sobre a opinião pública.

¹⁹ Deve-se lembrar de que até a década de 1970, a assistência social esteve fortemente ligada a ações assistencialistas, marcada pela presença de mulheres e com forte presença de valores religiosos, ou seja, “a profissão atraía pessoas religiosas por seu caráter religioso e o Serviço Social era “religioso”, porque atraía pessoas religiosas” (SIMÕES NETTO, 2005, p 58). Espectro que muda muito a partir dos anos de 1980, quando as escolas de serviço social passam a incorporar uma discussão marxista da sociedade.

²⁰ O episódio também ficou conhecido como “máfia das ambulâncias”, descoberta em 2006. A ação envolvia membros do Congresso Nacional e funcionários do Ministério da Saúde no repasse de recursos para aquisição de ambulâncias pelos municípios. Dentre os envolvidos dois deputados federais de Sergipe, sendo um pastor da Iurd (MATAIS, 2014).

Ao reconhecer que o voto evangélico não seria suficiente, nota-se que evangélicos da Assembleia de Deus e outras denominações, a exemplo da vereadora Daniela Fortes, da Igreja Internacional da Graça, buscaram veicular as campanhas a uma plataforma que imprimisse a possibilidade de não evangélicos votarem também em suas propostas.

O resultado da eleição, portanto, de 2012, em Aracaju, compreende um momento singular para os evangélicos. Uma das maiores demonstrações dessa vitória é o quantitativo de candidatos ligados a denominações religiosas que se elegeram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A candidatura evangélica à Câmara Municipal de Aracaju é uma realidade. É um fato incontestável não só pelo crescimento do número de eleitos em 2012, mas pela constância e força que demonstram na conquista de votos que espelham o quantitativo dessa população, que vem crescendo ano a ano, conforme atesta o Censo de 2010 (IBGE). Entretanto, o simples fato de ter o número de evangélicos aumentado no compute da população em geral não seria um indicador confiável de votação para candidatos evangélicos. O que tem assegurado a vitória de candidatos com esse perfil é um conjunto de estratégias que mescla o religioso com as velhas práticas eleitorais, por exemplo, ações assistencialistas, além do uso da mídia (rádio e televisão).

É notório, também, o papel que o rádio e a televisão soma às visitas domiciliares nas estratégias de conquista de votos. Isso implica reconhecer que as especificidades dos evangélicos assembleianos não diferem muito dos demais evangélicos na conquista dos votos, mas ao menos um detalhe é importante, ou seja, o fato de que o candidato precisa ser pastor. Esse dado é fundamental para se pensar o uso do carisma e, consequentemente as possibilidades de abertura de diálogo com autoridades para a resolução de problemas da comunidade.

Nota-se que a candidatura evangélica não difere muito em relação a uma candidatura não evangélica, quando se compara o momento em que a mesma começa a ser gestada. Ao contrário, os momentos que a antecedem são permeados por ofícios à comunidade, que podem ser através da prestação de serviços mediante programas de rádio e televisão ou nas reuniões, que assumem um caráter de discussão de temas relevantes para o segmento, a exemplo da violência contra a mulher, que escondem os reais motivos de sedimentação da imagem e da proposta do futuro candidato, permeando diversos tipos de ações, segregando seus públicos, utilizando linguagens duplas ou triplas, assegurando equilíbrio entre meios e finalidade (CEFAI, 2010).

Deve-se considerar também o papel da mulher na construção da estratégia de busca ativa do voto. Isso ocorre nas reuniões e nas visitas domiciliares. É um trabalho constante de presença, em que o eleitor é lembrado acerca da importância de uma representação evangélica (ungida) na Câmara Municipal de Aracaju. E, sem essa força, possivelmente as candidaturas estariam fadadas ao fracasso diante do quanto há de mobilização em prol da vitória eleitoral, quer seja no interior da Congregação, ou mesmo na comunidade em geral, em que os vínculos pessoais são explorados ao extremo, como uma missão divina de levar adiante o projeto religioso. Isso implica notar que a separação entre religião e política nem sempre é possível. No íntimo, o candidato eleito representa sim, os princípios e valores de sua crença.

É notável também que as candidaturas oriundas das fileiras dos bancos da Assembleia de Deus guardam certa particularidade em relação às demais. E, entre as diferenças destaca-se o apego aos seus valores, especialmente a defesa da família e a ética nas ações públicas. Isso implica reconhecer certa dureza quanto a temas polêmicos, mesmo não sendo de ousadia do vereador, carrega em si o discurso contrário ao avanço em matérias como aborto e direitos pleiteados pela população LGBT.

É inegável a veiculação da imagem do pastor, quer na condição de candidato ou liderança religiosa, cabos eleitorais engajados na conquista de votos para os indicados ao cargo público pela Igreja. Isso o constitui como força fundamental para esse processo quando se considera que na Igreja Assembleia de Deus, somente os pastores podem pleitear uma carreira política em nome dos fiéis e do projeto que defende. Mas, nada disso levará a vitória, se o projeto não estiver irmanado com as conquistas objetivas e diretas para os eleitores. Isso aparece de forma forte nos discursos e nas práticas, quando se identifica as ações e/ou promessas em curso e maior interação com a comunidade, num processo de intermediação das reclamações junto ao poder público, que as distribuições de serviços por atores que estão ligados a política não estão ligadas a propósitos políticos, mas sim a uma causa nobre, e até mesmo a utilização de recursos estatais para uso político partidário ou uma “boa causa” (AUYERO, 1999).

Os dados apontam, portanto, para um novo cenário, em que evangélicos aparecem como atores importantes na seara política de Aracaju. Isso simboliza que o parlamento aracajuano adquiriu uma maior possibilidade para a construção de propostas que atendam melhor os segmentos considerados estigmatizados ou pouco representados no legislativo municipal, conforme os estudos de Maria das Dores Campos Machado (2006). O trabalho agora é estudar os desdobramentos no legislativo, o que requer novos esforços interpretativos, especialmente de confronto com as representações anteriores, em que o quantitativo era bem

menor e ligado a um ou outro segmento evangélico, ou ainda apontar o perfil da atuação dos membros da Igreja Assembleia de Deus ao longo do tempo.

Referências Bibliográficas

AUYERO, Javier. “**From the client’s point(s) os view**”: How poor people percieve and evaluate political clientelismo. *Theory and Society*. Vol 28, nº 2 (april, 1999). pp297-334.

BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. A participação política dos pentecostais nas eleições de 2002 – notas da Assembleia de Deus e da Igreja do Evangelho Quadrangular In: *JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA*, 12, *Anais...* São Paulo, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n. 5. Brasília, pp. 193-216, jan./jul. 2011.

BURITY, Joanildo. Religião, voto e instituições políticas: notas sobre os evangélicos nas eleições de 2002 In: BURITY, Joanildo A.; MACHADO, Maria das Dores (orgs.). **Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Masssangana, 2006.

CEFAÏ, D (dir.) **L’Engagement Ethnografique**. Paris, EHESS, 2010.

COMBES, Hélène. Meetings de fin de campagne au Mexique et athnographie des milieux partisans. **Politix**. 2009/1, vol 22, p.149-179.

DEHEUSCH, Luc. Anthropologie et Science (s) politique (s). **Rasions Politiques**, n. 22, mai 2006, p. 23-24 (Dossier).

DONEGANI, Jean-Marie. **De l’anthropologique au politique**. [Éditorial]. *Raisons politiques*, no 22, mai 2006, p. 5-14. (Dossier)

FIGUEIREDO, Marcus Faria. **A decisão do voto: democracia e racionalidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: la identidad deteriorada**. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

LANDÉ, C. H. Política de grupo e política diática: notas para uma teoria. In: SCHMIDT, S. W. et al (esd) **Friends, Followers and Factions**. Berkeley, University, 1977.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Política e Religião: a participação dos evangélicos nas eleições**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MATAIS, Andreza. CPI dos Sanguessugas divulga nomes de 57 investigados. **Folha online**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u80490.shtml>. Acesso em: 17 jan. 2014.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999

NOVAES, Regina Reyes. Apresentação In: FERNANDES, Rubem Cesar (coord.). **Novos nascimentos**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. A arte de resistir às palavras: inserção social, engajamento político e militância múltipla. IN: SEIDL, Ernesto; GRILL, Gastal. **A ciências sociais e os espaços de política no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. Política Ambígua. In: BIRMAN, Patrícia (Org). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997, p. 159-184.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "O Coronelismo numa Interpretação Sociológica", in FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo, Difel, 1975. (Tomo III, vol. 1).

SILVEIRA, Flavio Eduardo (org.). **Estratégia, mídia e voto**: a disputa eleitoral em 2000. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SIMÕES NETTO, José Pedro. **Assistentes Sociais e Religião**: um estudo Brasil/Inglaterra. São Paulo: Cortez, 2005.

VIANNA, Luiz Werneck. **A política e a religião pelo método confuso**. [2001]. Disponível em: <http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=317>. Acesso em: 17 jan. 2014.

WEBER, Max. **Ensaaios de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1979.